

1

Introdução



Figura 1

Entre as palavras dispostas sobre as páginas, insinuam-se desenhos, pinturas, mapas, recortes de jornal, fotografias, manuscritos, anúncios. Múltiplas imagens invadindo o espaço da palavra: reproduções de gravuras bíblicas, a propaganda do xarope de Grindelia ou a do tônico poderoso fortificante Nutrion, o fotograma cinematográfico do Maciste, a planta do hotelzinho japonês de *rendez-vous*, a página do jornal com a suspeita da polícia, a fotografia com olhos censurados da menina morta nua, a foto do autor, da babá e do irmão fantasiados, a foto da mãe outrora também fantasiada ao lado da cabeça-borrão do cão, o corpo da mulher nu e aberto no estudo anatômico, o olho que abre e fecha abre e fecha ao virar das páginas, o anúncio dos perigos da Nyoka, as ilustrações das reinações de Narizinho e o desenho em traços infantis do Pato Donald jogando o tomate na careta de Hitler; ou o recorte do estudo de anatomia no quadro de Rembrandt, os crânios fotografados sob a lama, outro sobre uma pilha de livros, o quarto inundado por estes, as estantes abarrotadas da biblioteca, a página de bela caligrafia de um diário, a capa da agenda de couro do tio Adelwarth, o mapa indicando Orfordness com a seta marcada a caneta, a planta da fortaleza labiríntica, a malha ferroviária na planta dos engenheiros lembrando músculos e tendões de um atlas anatômico, a foto do autor sob a sombra do cedro libanês, outra foto do autor ocultada na folha de seu passaporte, o frame videográfico daquela que poderia ser a mãe de Austerlitz mas não é, a foto do menino Jacquot seis meses antes de sua partida de Praga em que Austerlitz não se reconhece, a menina em foco doce com o filhote no colo e a boneca aos pés, os olhos em

detalhes de homens e animais nos olhando, as instruções de banho do tratamento hidropático do Dr. von Hartungen, o homem sobre a montanha com sua rede de caçar borboletas, a coluna de fumaça sobre o monte Vesúvio e a fotografia falsificada da queima de livros na praça do Paço em Würzburg.

Imagens várias, sempre, de algum modo, documentais, que carregam, em si, portanto, os traços do tempo e da história e um peso de *materialidade*, e que, compondo-se à escrita literária, explicitam uma aproximação com o mundo (cujos rastros se inscrevem nestas imagens) e expõem a *construção* criativa daqueles emaranhados gráficos, entre palavras e imagens, deixando-se entrever os alicerces de sua edificação. Por vias diferentes, é neste ambiente que se colocam as literaturas de Valêncio Xavier e W. G. Sebald, cujas imagens impressas nos seus livros – algumas delas – foram citadas acima; autores exemplares de uma literatura que, explorando sua materialidade e caminhando sempre para além das aparentes fronteiras do espaço literário, apontam novas vias de esgarçamento deste espaço e põem em questão a própria possibilidade de qualquer delimitação rígida de um possível conceito de literatura. O presente estudo tem como propósito investigar, como parte de uma reflexão sobre esse lugar (sempre instável) da literatura na contemporaneidade, caminhos desta peculiar via de criação literária (vislumbrada nas obras dos dois autores citados) fundada sobre o que podemos propor como um *efeito de índice*. Para tanto, manter-se-á um interesse especial pela integração, recorrente nestas obras, de imagens documentais e documentos textuais ao campo da invenção ficcional – o que implica uma investigação sobre a relação *imagem/palavra* na literatura, partindo de uma reflexão sobre a relevância da *palavra escrita* – grafada, quase imagética – no âmbito literário.

Como eixo das investigações sobre essa literatura marcada por uma indicialidade e elaborada através de uma construção entre imagens e palavras investidas em caráter documental, ter-se-á uma reflexão sobre o *arquivo*, o que nos levará, conseqüentemente, a reflexões sobre a *memória*, o *tempo* e a *morte*. Temas que atravessam a literatura dos três autores que servem de esteio para o estudo: além dos já citados Sebald e Xavier, também o memorialista Pedro Nava. Este, por sua vez, explorado nesta pesquisa não apenas através da leitura de sua obra literária, mas também através de um contato com o próprio acervo arquivístico do escritor, entre fichas, desenhos, manuscritos e datiloscritos e entre

fotografias, cartões postais, cartas e recortes de jornal. Tendo-se como objeto de estudo uma literatura que se marca por uma materialidade explícita, que não apaga o edifício de seu corpo literário, torna-se relevante tocar, com as próprias mãos, os resquícios da invenção da obra; atravessar, pelos arquivos de Nava, os caminhos de sua criação, tendo, no horizonte, uma literatura (em que a própria obra do memorialista se insere) que se expõe em sua construção material, sem pudores e com a mesma intimidade com que sentimos as texturas, os odores e as cores dos arquivos manuseados.

Mesmo elaborada sobre marcas e traços indiciais da realidade, na própria construção textual ou na inserção das imagens-arquivo, a literatura que se busca esboçar aqui neste estudo não apaga a invenção ficcional. Não é tanto sobre a mera referencialidade histórica ou factual que é estruturada e nem pela mera falsificação dos eventos da história, mas, antes, através de uma relação de profunda aproximação, entre autor, leitor, obra e o mundo em que todos se inserem. Diante da revelação da falsidade da foto da queima de livros em Würzburg, em *Os emigrantes*, o narrador de Sebald sugere que, aos olhos da personagem que faz a descoberta, aquela era “a prova indicial decisiva de que tudo fora falso desde o início.” (Sebald, 2002b, p.183). As imagens documentais ou as referências históricas textuais dos três autores aqui estudados não servem de prova de uma falsidade, mas exibem, na construção explícita destas obras, a “mentira” ficcional ou, antes, a sinceridade da invenção, configurando-se, talvez, em provas indiciais decisivas de que tudo fora *literatura* desde o início – uma literatura fundada sobre uma relação de afetividade com o mundo que se faz em rastros de passado, espalhado entre os “pedaços de mundo” que os autores aqui estudados recolhem em suas obras – e que se fazem arquivos e memórias de sua própria invenção. Esboça-se uma literatura que, intimamente ligada à sua própria construção, não pára de pensar a si mesma e até mesmo de se provocar em seus aparentes limites. Conseguindo delinear alguns traços das especificidades destes caminhos literários de Nava, Sebald e Xavier, da peculiaridade desta literatura que se expõe como construção, que se exhibe como elaboração e trabalho, que, mesmo sob os rastros da realidade ou justamente ao deixá-los adentrar a obra, não deixa de pôr à vista a invenção, talvez aí possamos nos aproximar de um entendimento sobre o espaço sempre instável da literatura na contemporaneidade.